

A HISTÓRIA ORAL NOS ESTUDOS DAS MIGRAÇÕES DO NORDESTE PARA O SUDESTE: RELATO DE PESQUISA

Valéria Barbosa de Magalhães¹

Resumo: Este artigo tratará do estágio parcial do projeto *Nordestinos em São Paulo e História Oral: abordagem histórico-crítica*², que vem sendo conduzido pela autora, desde começo de 2018, com o objetivo de inicial de realizar um levantamento da produção bibliográfica brasileira sobre as migrações procedentes do Nordeste para o Sudeste, especialmente para o Estado de São Paulo, e que tenha se valido do recurso das entrevistas, principalmente vinculadas à história oral. A partir do levantamento, a proposta visa caracterizar essa produção, inclusive verificando se os trabalhos que usam entrevistas são identificados ou não com o método da história oral e, caso se identifiquem, com quais linhas e autores. A pesquisa espera conhecer o tipo de uso que tem sido feito das entrevistas nesses estudos migratórios. Além disso, alguns trabalhos anteriores da autora serão retomados em articulação com a discussão da identidade migrante, especialmente a nordestina. Será discutido o estado atual da pesquisa em andamento, acompanhado da discussão dos procedimentos metodológicos e conceituais que orientam o trabalho.

Palavras-chave: História Oral. Migrações do Nordeste para o Sudeste. Entrevistas.

Abstract: This article presents the partial stage of the project *Nordestinos in São Paulo and Oral History: a critical approach*, which has been conducted by me since the beginning of 2018. The main objective is to make a survey of the Brazilian production that has used interviews for analyzing the migrations from the Northeast of to the Southeast of

¹ Docente da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP e orientadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais/USP. Coordenadora do Grupo de Estudo e Pesquisa em História Oral e Memória (GEPHOM/USP). Doutora em História Social/USP. gephom@gmail.com

² *Nordestinos em São Paulo e História Oral: abordagem histórico-crítica*. 2010 – 2013. Pesquisadora responsável: Valéria Barbosa de Magalhães, financiamento Fapesp.

the country, especially to the State of São Paulo. From the survey, the proposal aims to characterize this production, including verifying if the works that use interviews are identified or not with the method of oral history. In case of the oral history studies, we intend to identify which lines and authors has influenced the researchers. It is expected therefore to know the type of use that has been made of the interviews in these migratory studies. The text will also show the current state of the research, along with a discussion of the methodological and conceptual procedures that guide the work. In addition, some previous works by the author will be resumed in articulation with the discussion of the migrant identity, especially the “nordestinos identity”.

Key words: Oral History. Internal Migration in Brazil. Interviews.

Introdução

Em artigo de 2015, juntamente a Santhiago (MAGALHAES e SANTHIAGO, 2015), apresentei os resultados de uma investigação em que analisamos a produção brasileira em imigração (movimentos internacionais de e para o Brasil) que tinha feito uso da história oral. Naquele texto, que levava em consideração as afiliações teórico-metodológicas das pesquisas analisadas, pudemos perceber alguns aspectos interessantes sobre esse uso:

- Há uma significativa diversidade metodológica nos estudos migratórios no Brasil, sendo a entrevista um dos principais recursos, seja como fonte principal, seja como fonte complementar.
- As entrevistas têm sido usadas nos estudos migratórios das mais diversas formas e seguindo diferentes orientações metodológicas: como histórias de vida, como entrevistas semiestruturadas ou estruturadas, como entrevistas em grupo, como fontes primárias ou secundárias, e seguindo ou não a metodologia da história oral. Elas

têm sido combinadas ou não com fontes heterogêneas e, quando associadas à história oral, têm partido de vertentes múltiplas.

- No Brasil, não só as entrevistas são uma das fontes mais importantes para se estudar os movimentos migratórios, como a imigração tem sido um dos temas mais privilegiados no campo da história oral.

O artigo (MAGALHAES e SANTHIAGO, 2015) resultou de projeto financiado pelo CNPq, coordenado por mim, sobre os diversos usos da história oral nos estudos migratórios. Entretanto, naquele momento, a pesquisa não abarcou os fluxos internos. Os resultados, porém, alertaram para a importância de avaliarmos também esse viés, especialmente aquele referente às migrações do Nordeste para o Sudeste, que haviam sido tema de minhas pesquisas anteriores.

Assim, no projeto atual que é financiado pela Fapesp e decorrente daquele anterior, estou estudando especificamente as formas de uso da história oral nos estudos sobre nordestinos no Sudeste, ou seja, como os autores brasileiros que estudam ou estudaram o tema têm usado as entrevistas em suas pesquisas e, especificamente, com que abordagem: se identificada à história oral ou não; e a partir de quais autores.

Na linha proposta por Thomson (2002) sobre a relação entre estudos de imigração e história oral, estou fazendo uma revisão das pesquisas brasileiras sobre o tema, vislumbrando mapear os usos diversos da oralidade nas pesquisas.

A novidade em termos de fontes, nesta etapa, é que também foram incluídas entrevistas com pesquisadores, no escopo analisado, diferentemente do trabalho anterior, que utilizou somente as fontes bibliográficas.

As entrevistas com pesquisadores, em contraponto à análise da bibliografia, estão trazendo informações importantes que não estariam

disponíveis de outra forma. Por exemplo, elas revelam trajetórias de pesquisa vinculadas a autores, à grupos de pesquisa e até mesmo às diferentes experiências individuais com o uso de entrevistas.

É especificamente sobre esse projeto de pesquisa e seu estágio atual que este artigo tratará. Sua proposta se vincula aos estudos da história da cultura intelectual, tendo como assunto os trabalhos brasileiros em história oral e migrações do Nordeste para o Sudeste. Ainda que a abordagem de ideias tenha se consagrado tradicionalmente sob a forma de estudos de um único pensador, “histórias mais recentes combinam análise de pensadores, de correntes e de contexto institucional” (CARVALHO, 2006, p. 123), existindo vários exemplos dessa linhagem³. As ideias também serão discutidas teoricamente, de modo que se chegar mais propriamente à ideia de uma “história da cultura intelectual” (LOPES, 2007, p. 12)⁴.

Em um projeto como este, a própria produção intelectual abordada é a fonte primordial. Nesse sentido, se faz necessária a leitura cuidadosa da bibliografia nacional em história oral, bem como os principais textos estrangeiros e de outras disciplinas mencionados em seu corpo. Embora se trate de material grande, cabe lembrar que, desde antes, estou familiarizada com parte significativa deste repertório, tendo em vista minha experiência com o tema das migrações, a exigência de projetos anteriores e a atuação permanente do GEPHOM/USP⁵ nos campos da história oral e da memória.

³ Ver, por exemplo, Chacon (1977); Saldanha (1963).

⁴ Agradeço a Ricardo Santhiago pela ajuda neste tópico da história intelectual.

⁵ Grupo de Estudo e Pesquisa em História Oral e Memória/USP. www.each.usp.br/gephom

A construção de um imaginário de “migrante nordestino” e a fluidez da identidade migrante⁶

Estudar a migração de nordestinos para outras partes do país nos impõe uma reflexão sobre os sentidos da identidade e do imaginário de “nordestino”, muitas vezes assumidos como algo fixo, neutro, tradicional e rural em vários textos das migrações de/para a região Nordeste, bem como no próprio senso comum⁷.

Na presente abordagem do tema, não partimos de uma conceituação acrítica de “Nordeste” (e de seus migrantes), menos ainda assumimos sua homogeneidade. Ao pensarmos em “nordestinos”, sejam eles migrantes ou não, nos referimos a uma categoria discursiva complexa e heterogênea, que não necessariamente corresponde aos limites físicos da divisão geopolítica oficial⁸ e nem mesmo a estereótipos reforçados pelas sociedades receptoras desses migrantes.

Geopoliticamente, inclusive, podemos pensar as migrações nordestinas a partir de um Nordeste expandido, isto é, que abarcaria as migrações do Norte de Minas para o Sudeste, muito mais identificado culturalmente com a Bahia do que com o Sudeste em geral, pois as levas migratórias devido à seca, iniciadas nos anos 1930, também incluíram essas localidades das fronteiras mineiras e baianas.

Neste trabalho, o dilema de incluir ou não localidades fora do Nordeste geopolítico apareceu logo no início do levantamento de dados: os termos-chave da pesquisa bibliográfica trouxeram claramente uma mescla de trabalhos sobre as migrações nordestinas com migrações

⁶ Esse tema será tratado neste artigo porque está relacionado aos resultados parciais da pesquisa: foram eles que levaram à substituição, no projeto, do termo “nordestinos” para a expressão “migrações do Nordeste para o Sudeste”.

⁷ A discussão sobre a invenção do Nordeste foi muito bem explorada por Albuquerque (2009; 2016).

⁸ Isto é, a delimitação oficial dos estados brasileiros em macrorregiões.

de outras partes do país. Assim, foi preciso tomar uma decisão sobre a continuidade do recorte: incluiríamos as migrações internas em geral ou somente aquelas que fossem procedentes do Nordeste geopolítico? Norte de Minas entraria no recorte ou não? Optou-se, neste momento, por não ampliar os limites do objeto de pesquisa e por analisar em profundidade somente as migrações do Nordeste (geopolítico) para o Sudeste. Temos em mente, entretanto, que essa delimitação não é simples de ser feita, uma vez que a história das migrações nordestinas se confunde com a de outras regiões que estão ligadas ao Nordeste, seja culturalmente, seja geograficamente.

Decidiu-se também que em provável continuidade deste projeto a ideia de “Nordeste expandido” orientará o recorte, incluindo o norte de Minas Gerais, as migrações internas aos estados nordestinos, e os fluxos destes estados para os do Norte e do Norte para eles.

A discussão sobre a complexidade da identidade nordestina nos estudos dessas migrações e seguindo as reflexões de Albuquerque (2009 e 2016) e de outros autores nos mostra que estamos lidamos, portanto, com a fluidez da identidade migrante, tão claramente percebida em meus estudos anteriores e de alguns de meus orientados⁹.

Para melhor discutir essa fluidez¹⁰, gostaria de tratar de algumas experiências que estão no limite/fronteira entre os conceitos de migrações, asilo e refúgio, articulando essas ideias com alguns dos meus estudos que complicam a discussão identitária, inclusive fazendo a ponte com a questão da “nordestinidade”.

⁹ Por exemplo, Lucas Pulice (2019), que é orientado por mim no Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais/USP e que defenderá sua dissertação nas próximas semanas, utilizou o termo “Nordestes”, no plural, ao analisar trajetórias de músicos do Nordeste que vivem no Vale do Paraíba, em São Paulo. Isto porque a ideia simplificada de “Nordeste” não comportaria a heterogeneidade de experiências musicais e identitárias desses músicos.

¹⁰ Sobre tal concepção de identidade, sugiro a leitura de autores como Bhabha (1998) e Hall (2006).

Ao tratarmos desses limiares pomos em xeque algumas definições conceituais fechadas: em que medida coincidem teoria, experiências subjetivas, políticas públicas, sociedade receptora e órgãos de apoio ao migrante sobre a percepção identitária dos termos migrações/imigrações/emigrações/refúgio/exílio/asilo/expatrimto?

Um olhar acrítico sobre esses conceitos apagaria disputas de identidade e memória que perpassam grupos, instituições e a própria academia. Quando os conceitos se impõem antes das revelações de pesquisa, eles podem engessar nossa percepção e estabelecer pressupostos que impedem uma compreensão e uma “escuta” dos significados das interações sociais e dos discursos que estão por trás das identificações, por isso é necessário que o pesquisador assuma, de antemão, que essas identidades migrantes são problemáticas e não necessariamente coincidentes com conceitos e estruturas teóricas estabelecidos à priori.

Para argumentar sobre isso (e depois retornar ao caso dos “nordestinos”), partirei de dois exemplos emblemáticos em meus estudos: os fugitivos norte-coreanos e os brasileiros LGBT no Sul da Flórida, recorrendo também a outros, como os brasileiros que têm vistos de trabalho especiais na Flórida (empresários ou investidores) (MAGALHÃES, 2018; MAGALHÃES e BUTTERMAN, 2017).

Tendo em vista um interesse pessoal sobre a vida do homem comum na Coréia do Norte, o país mais fechado do mundo, comecei há algum tempo a reunir narrativas de norte-coreanos que haviam escapado do país, disponíveis em fontes variadas. A quantidade de relatos encontrada foi imensa. Comprei livros nacionais e importados sobre o tema, coletei histórias em mídia e comecei a analisar essas narrativas do ponto de vista de sua construção e dos temas abordados.

Como pude argumentar em publicação recente (MAGALHÃES, 2018), o *status* dos narradores norte-coreanos é controverso e tanto a mídia

como os analistas utilizam termos diferentes para designá-los: desertores, fugitivos e refugiados. A esse respeito, cabem algumas observações: “deserção” poderia erroneamente sugerir a ideia de abandono de um dever para com a pátria, como se fossem traidores. Essa palavra é amplamente veiculada em artigos acadêmicos da língua inglesa, definindo o abandono da terra de origem quando em desacordo com o regime vigente, mas não no sentido de traição. O conceito de refúgio é usado pelas organizações de direitos humanos que atuam na região, mas não é assim que os norte-coreanos têm sido reconhecidos pelos países asiáticos vizinhos da Coreia do Norte para onde se dirigem. Refúgio, para a Organização das Nações Unidas e para as organizações não governamentais, indica a situação de pessoas que fogem de conflitos e perseguições, sendo forçadas a cruzar fronteiras para garantirem sua segurança e sobrevivência. Por fugitivos podemos definir as pessoas que estão literalmente escapando de uma realidade abusiva (MAGALHÃES, 2018). E há a China que os considera apenas como imigrantes econômicos, recusando lhes conceder asilo político ou refúgio.

Essas identidades diferentes (refugiado, fugitivo, desertor, imigrante econômico) são alvo de disputas políticas e identitárias (por eles, pelas ONGs de direitos humanos, pelos países aliados ou não da Coreia do Norte e ainda por outros atores), o que faz com que o *status* dos norte-coreanos seja ambíguo, polêmico e que carregue um pouco de todos esses sentidos, podendo ser desertores quando cruzam a fronteira por motivos de discordância política; reivindicando a condição de refugiados nos países vizinhos; e sendo fugitivos por saírem “ilegalmente” de seu país “na calada da noite”. Trata-se de um caso emblemático em que as narrativas revelam uma identidade diferente daquela a eles atribuída de fora (MAGALHÃES, 2018).

Ainda sobre esses complicadores identitários dos migrantes, seria

interessante lembrarmos os termos “refúgio” e “asilo” entre os LGBT do Brasil nos Estados Unidos. Há um número desconhecido, porém importante, de brasileiros LGBT com status de asilados. Em matéria da UOL de 04/04/2012, as estimativas de pedidos de asilo por LGBT brasileiros seriam: “Os pedidos de asilo político feitos por brasileiros gays que vivem no exterior passaram de três, em todo o ano de 2011, para 25 apenas nos três primeiros meses deste ano. A informação é da ABGLT (Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e transexuais”¹¹ (MAGALHÃES; BUTTERMAN, 2017).

Muitos brasileiros, antes da aprovação do casamento homoafetivo no Brasil e nos Estados Unidos, haviam conseguido esse status de asilado. Diferentemente do refúgio, que suspenderia a extradição e a expulsão enquanto o pedido tramita, no o pedido do asilo o solicitante está em situação “ilegal”¹² ou irregular ou “indocumentada”, durante o processo de solicitação (MAGALHÃES; BUTTERMAN, 2017).

De modo geral, pesquisadores e governos, costumam considerar todos os brasileiros nos Estados Unidos como imigrantes (ou emigrantes, se vistos do ponto de vista da saída do Brasil). Entretanto, não é assim que todos eles se identificam. Brasileiros com condições sociais razoavelmente privilegiadas, descontentes com os últimos governos e com o Brasil e alegando a necessidade de se mudarem para outros países, têm se identificado de forma diferente¹³. Ao chegarem ao exterior, preferem

¹¹ GARCIA, Janaína. Cresce número de brasileiros gays no exterior que pedem asilo alegando homofobia, *Portal UOL*. [online]. 04/abr/2012. Cotidiano. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/04/04/cresce-numero-de-brasileiros-gays-no-exterior-que-pedem-asilo-alegando-homofobia.htm>, acesso em 09/maio/2019. Reportagens mais recentes confirmam esses dados: Ameaças e Perseguições Levam Brasileiros a Pedir Asilo nos Estados Unidos. *Em.com*. 19/nov/2017. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2017/11/19/interna_nacional,917901/ameacas-e-persegucoes-levam-brasileiros-a-pedir-asilo-nos-estados-uni.shtml, acesso em 09/maio/2019.

¹² Ilegal é outro termo que, aliás, transita nas disputas identitárias.

¹³ Magalhães e Campos, 2016.

dizer que são “expatriados” e não imigrantes. Assim se expressou Aline, em entrevista que me concedeu em 2015, ao se referir aos brasileiros recém-chegados em Miami:

Têm muitos que já foram sequestrados, assaltados e aí tem filhos e querem dar oportunidade pros filhos ter um inglês fluente, espanhol fluente. Fazem altos investimentos, sabe? Eu acho que eles procuram isso hoje, aqui no sul. Muitas pessoas vieram com os maridos expatriados. Tem muitas mulheres também que o marido veio expatriado.

A identificação como “expatriado” por muitos brasileiros ouvidos nas pesquisas que fiz revela uma tentativa de diferenciação em relação aos conterrâneos de outras levadas de imigração e, ao mesmo tempo, uma rejeição da nossa condição de país de emigrantes (MAGALHÃES; CAMPOS, 2016). Cabe esclarecer que, em seu sentido estrito - que define pessoas que vivem voluntária ou involuntariamente fora do país - todos os brasileiros no exterior seriam expatriados. O que chama a atenção nas entrevistas, porém, é que o uso dessa palavra na comunidade brasileira no Sul da Flórida é recente e tem um significado simbólico que define diferenças internas. Na etnografia e nas 40 entrevistas de história oral que fiz, entre 2002 e 2004, esse termo nunca havia sido usado. Foi em meu trabalho de campo mais recente, a partir de 2013, que a palavra começou a aparecer. Os próprios entrevistados disseram que os expatriados seriam pessoas que foram para a Flórida para abrir empresas ou que foram transferidos a trabalho ou que estão fugindo da economia do país.

No imaginário coletivo dessa nova leva migratória de brasileiros para a Flórida, tais pessoas não se considerariam como imigrantes, diferentemente dos outros brasileiros, mas sim como “expatriadas”, uma categoria socialmente privilegiada, que refletiria as estruturas identitárias

que fazem sentido na sociedade brasileira, mas que não são reconhecidas como tal pelos americanos (do ponto de vista da sociedade americana, como apontou Margolis [2008], os brasileiros seriam todos “uma coisa só”) e nem pelos órgãos oficiais (MAGALHÃES; CAMPOS, 2016).

Definir-se como “expatriado” - mas não como imigrante - seria uma resposta de um grupo específico de imigrantes a essa indiferenciação dos brasileiros nos Estados Unidos que não estaria levando em conta as nuances sociais originalmente herdadas do Brasil. Do mesmo modo, seria uma forma de autoafirmação, frente à própria comunidade brasileira no Sul da Flórida como um todo, de um grupo que socialmente que se enxerga como diferente. Por outro lado, esses mesmos brasileiros se consideram pertencentes à comunidade de imigrantes brasileiros em certas situações, tais como na hora de votar para um candidato do Brasil ou durante a Copa do Mundo. O mesmo acontece com a identificação “latino”, a qual os brasileiros rejeitam na maior parte do tempo, mas que é acionada quando se trata de fazer valer direitos referentes a essa comunidade. Mais uma vez, estamos diante da constatação de que a identidade migrante responde a situações variadas de modos diferentes, diversidade que as generalizações e estereótipos visam apagar.

O que dizer então do caso dos decasséguis, cuja identidade transita entre o japonês no Brasil e o japonês no Japão? Desde a década de 1980, as pesquisas mostram que eles sempre se reconheciam e eram vistos aqui no Brasil como japoneses, tendo em vista a forma como a sociedade brasileira os identificava, mas ao chegarem no Japão passam a ser tratados como brasileiros, tendo em vista as marcas culturais inscritas em seu comportamento e em seu corpo, tão diferenciadas daquelas dos locais. Isso complica sua identidade e desmonta as identificações fechadas impostas a eles pelas sociedades receptoras e pelos órgãos

governamentais¹⁴.

Em meus trabalhos anteriores, insisti na diversidade de situações migratórias, na heterogeneidade interna a esses grupos, na flexibilidade da identidade migrante e na própria variedade de motivos e circunstâncias que geram e que mantêm as imigrações. Ou seja, explicações reducionistas sobre os processos migratórios e as análises fundamentadas e pautadas em apenas uma linha teórica acabam por “engessar” a riqueza trazida pela análise empírica. Pesquisadores do tema, portanto, não devem tentar forçar os dados e as fontes para que se encaixem nos seus pressupostos teóricos. É importante que deixemos que os dados se apresentem e que revelem aquilo para o qual a teoria pode ajudar a explicar e a interpretar, mas nunca a moldá-la. Frequentemente, dados empíricos nos ensinam que conceitos teóricos não explicam tudo.

Nesse sentido, narrativas podem refletir circunstâncias migratórias extremamente complexas, que nem sempre coincidem com os conceitos prévios. A identidade dos migrantes não necessariamente corresponde ao que a teoria, as instituições de direitos dos imigrantes, as políticas públicas, a sociedade receptora e os próprios conterrâneos definem a respeito dos grupos.

Identities podem ser conflitantes e até mesmo estar em disputas por legitimidade. Mostrei anteriormente a complexidade da batalha identitária das narrativas de norte-coreanos que deixam a Coreia do Norte e a dificuldade em definir “imigrante” em um contexto de conflito de identidade entre brasileiros no sul da Flórida, onde termos como “expatriado”, “emigrante”, “ilegal” e outros, são manipulados pelos próprios sujeitos, conforme a circunstância e as conveniências (por exemplo, em termos de benefícios em políticas públicas). Tais

¹⁴ Esse foi o tema do meu mestrado e uma das minhas constatações de pesquisa (MAGALHÃES, 1996), mas hoje vários pesquisadores confirmam essas impressões, ver Kawamura, 2019.

circunstâncias podem abalar análises teóricas que fechem os conceitos em noções rígidas. As narrativas podem revelar situações bem mais diversas do que tais concepções fechadas.

São os casos dos norte-coreanos e de refugiados no Brasil, como se pode constatar em uma entrevista com um casal de sírios em São Paulo, na Revista Carta Capital, de abril de 2019¹⁵. Na entrevista, o casal diz, ao final, que não gostaria de ser visto no Brasil como refugiado, mas sim como pessoas que vivem no Brasil e que querem ter uma vida normal: “Aqui, a todo o momento as pessoas perguntam de onde eu vim e somos chamados de refugiados. A palavra refugiada não é agradável. Pode dizer apenas que a Oula é uma palestina que quer ter uma vida normal e criar seus filhos no Brasil”.

Vemos, portanto, que tais definições de conceitos ligados às migrações, ao exílio e ao refúgio são fluidas e são alvo de disputa e de variados usos por diferentes agentes e pelo próprio sujeito em movimento: ser asilado LGBT nos Estados Unidos define uma condição especial dentro da imigração brasileira para o país. Reivindicar a identificação de “asilado” ou de “expatriado” é uma manobra que faz com que diferentes agentes transitem de formas diversas, politicamente e socialmente, perante a sua comunidade, à sociedade receptora, ao Estado e às organizações não governamentais. Reivindicar o status de refugiado faz com que o norte-coreano recuse a imposição de imigrante econômico que a ele é reservada pelos países vizinhos. Ser identificado como “nordestino” reduz uma identidade que transita por especificidades regionais, culturais e religiosas, a um estereótipo, negando a eles suas particularidades.

É claro que há situações em que os migrantes do Nordeste se

¹⁵ MELO, Cleyton. O casal que fugiu da Síria e virou referência na vida cultural de SP. Carta Capital. 27/abr/19. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/a-vida-no-centro/o-casal-que-fugiu-da-siria-e-virou-referencia-na-vida-cultural-de-sp/>, acesso em 09/maio/2019.

reconhecem como “nordestinos”, mas isso não faz com que eles sejam só isso, suas especificidades precisam ser reconhecidas e consideradas no contexto migratório e nos estudos sobre eles. As identificações não são fixas, portanto, e podem ser reivindicadas de formas diversas, conforme o contexto e conforme o ator que as define (sujeito migrante, governo, sociedade receptora e outros).

Os povos do Nordeste no Sudeste do Brasil

As migrações internas do Nordeste em direção ao Sudeste (que têm como marco inicial a década de 1930) são um dos principais movimentos migratórios brasileiros. O impulso para esse fluxo de pessoas deveu-se principalmente, mas não unicamente, à seca e pobreza no Nordeste e à industrialização e modernização agrícola no Sudeste, que oferecia um atrativo ao migrante.

Segundo Paiva (2004), na década de 1920, o Estado de São Paulo começou a reordenar sua política para trazer a mão de obra nordestina e mineira para o trabalho na lavoura, em substituição à decrescente mão de obra dos imigrantes estrangeiros, sendo criada, em 1939, a Inspetoria de Trabalhadores Migrantes.

Entre 1927 a 1950, o Estado recebeu 1.300.00 trabalhadores migrantes para a agricultura (PAIVA, 2004, p.30), sendo retomada, em 1935, a política de subsídio dessa mão de obra. Já em 1950, a migração no Nordeste para São Paulo tornou-se espontânea, não dependendo mais da interferência do Estado. É comum, em outros processos migratórios, que fluxos de migrantes iniciados com suporte estatal se tornem independentes desse apoio e que se intensifiquem.

Paiva (2004) também mostrou que a política de nacionalização da mão de obra visou controlar o movimento dos trabalhadores urbanos. O

processo migratório então respondeu à uma certa dinâmica de acumulação urbano industrial na cidade de São Paulo de produção da periferia aliada ao crescimento industrial.

Foi nesse contexto urbano paulista do final do século XIX e começo do século XX que os migrantes do Nordeste se inseriram. Na década de 1930, os loteamentos da periferia da cidade de São Paulo foram consolidados, criando um novo padrão de moradias populares. Em São Miguel Paulista, bairro da Zona Leste conhecido como “Bahia Nova”, o processo abrigou muitos nordestinos, especialmente aqueles que foram trabalhar na Nitroquímica.

A partir de 1950, a cidade de São Paulo sentiu um impacto maior das migrações internas. No pós-guerra, a melhoria do sistema rodoviário no Brasil e um mercado de trabalho dinâmico em expansão no Sudeste foram a base para a intensificação das migrações (FONTES, 2008).

Fontes, porém, chamou a atenção para o fato de que, apesar da importância das análises econômicas sobre as migrações, não se pode menosprezar o papel das redes nesse processo migratório. Segundo ele, a migração era planejada pelo migrante, por sua família e pela comunidade (FONTES, 2008, p. 55). A esse respeito, novamente somos levados à discussão da heterogeneidade da condição migrante, pois as explicações sobre seus motivos e permanência nunca podem ser reduzidas a só um fator explicativo. Redes, mercado de trabalho mundial, família, perseguições políticas e circunstância pessoais - como casamentos e fuga de julgamentos sociais - combinam-se em subjetividades únicas para explicarem as migrações.

Fontes também constatou que, apesar das redes de apoio dos migrantes, o preconceito contra os nordestinos no mercado de trabalho em São Paulo foi intenso no período por ele estudado (1945-66) (FONTES, 2008, p. 67). Na década de 1950, a presença pessoas do Nordeste na

cidade causava estranheza e conflito, fato que podia ser constatado tanto na imprensa, quanto nas instâncias administrativas da cidade. A homogeneização da categoria “nordestinos” teve um importante papel na construção do preconceito paulista contra os migrantes do Nordeste.

Nesse contexto de produção da periferia, fatores adicionais de atração contribuíram para o movimento do Nordeste ao Sudeste. Dantas (2011), por exemplo, mostra que, entre 1950 e 1970, houve uma expansão de 1.110% na oferta de escolas no Bairro de Ermelino Matarazzo, na Zona Leste. A autora construiu a hipótese de que esse fator tenha contribuído para a chegada de migrantes na região.

As migrações do Nordeste para o Sudeste atravessaram todo o século XX, chegando intactas ao século XXI, e tendo modificado a paisagem das cidades, especialmente nos bairros das periferias, e da zona rural, como mão-de-obra especialmente nos canaviais paulistas. Em certos momentos de estabilidade da economia, como durante o governo Lula, ocorreu também considerável migração de retorno ao Nordeste.

Operacionalização Técnica da coleta de dados e do trabalho com as fontes

Tendo discutido os aspectos teóricos e conceituais que guiam o projeto aqui tratado, passaremos à discussão metodológica e dos dados de pesquisa gerados até este momento.

Neste projeto, pretendia-se chegar a um número de itens bibliográficos próximo ao da pesquisa que realizei anteriormente sobre imigrações internacionais e história oral (MAGALHÃES e SANTHIAGO, 2015), ou seja, até 5 mil, dependendo de sua existência nas fontes propostas. Entretanto, esta primeira fase da investigação mostrou que boa parte dos estudos sobre migrantes do Nordeste para o

Sudeste é produzida no campo da demografia e não utilizam métodos qualitativos.

Até este momento, de todo o levantamento realizado nos sites de busca de bibliotecas das principais universidades públicas do Nordeste e do Sudeste, incluindo instituições privadas como a PUC/SP e periódicos e portais de periódicos (relação descrita mais a frente), foram selecionados, a partir dos resumos, 170 itens que correspondem ao recorte proposto. Entretanto, o levantamento ainda não terminou. Na segunda etapa, outros periódicos e bibliotecas serão pesquisados, como a biblioteca da UFPI, das universidades estaduais do Nordeste e também periódicos ainda não consultados, como a Revista de História Oral e a Revista do CERU.

Parte do material de bibliotecas está sendo levantada em seus portais de busca, quando disponíveis, e outra parte *in loco*, especialmente naquelas nas quais os acervos de teses e dissertações não estiverem disponíveis para acesso *online*. Estão sendo feitas viagens para universidades públicas de capitais do Nordeste para levantamento das monografias produzidas sobre migrações estão sendo realizadas entrevistas com pesquisadores locais.

Os termos-chave da pesquisa bibliográfica ainda estão sendo testados. O termo “migrantes” tem trazido mais resultados, mas conforme a pesquisa caminha - e testando as palavras-chave nos próprios estudos levantados – essas expressões poderão mudar, trazendo talvez um número maior de trabalhos a serem incluídos no escopo da análise.

A escolha desses itens para análise - conforme experiência e metodologia que utilizamos no GEPHOM/USP – está sendo feita segundo os critérios a seguir:

- Após finalização do levantamento criterioso dos itens bibliográficos (trabalhos brasileiros sobre migrações do Nordeste para o Sudeste que tenham usado entrevistas), e conforme varredura por palavras-

-chave pré-estabelecidas (de acordo com os objetivos do projeto), serão selecionados para análise qualitativa os trabalhos que assumirem explicitamente terem usado entrevistas na pesquisa sobre migrações (entram nesse conjunto os itens já levantados em nossas pesquisas anteriores). Para a avaliação qualitativa aprofundada, na segunda etapa, serão analisados aproximadamente 10 itens, incluindo artigos, teses e dissertações;

- Com relação ao levantamento bibliográfico inicial, foi elaborado um quadro analítico que contém os seguintes itens: fonte (local onde o item foi localizado); termos-chave pesquisados; referência completa; link; resumo; uso de entrevistas (S/N); descrição do tipo de entrevistas/relação com história oral.
- Os trabalhos selecionados para a análise qualitativa serão os que estão disponíveis para acesso em full text em portais acadêmicos ou que estejam disponíveis em acervo físico no GEPHOM/USP ou na biblioteca da EACH/USP;
- Após a seleção dos trabalhos a serem analisados qualitativamente (etapa do projeto que será realizada a seguir), eles serão lidos e fichados segundo critérios a serem estabelecidos em relação aos objetivos do projeto (foi desenvolvida uma ficha de análise qualitativa que facilitará a localização de indicadores sobre os procedimentos técnicos adotados e de pertencimento a vertentes teórico-metodológicas específicas. Ela contém os seguintes itens: autores citados na metodologia, termos usados pelo autor para definir as entrevistas, identificação ou não com a história oral e com quais autores e linhas, procedimentos técnicos de entrevistas). Pretende-se analisar trabalhos envolvendo diferentes origens migratórias do Nordeste;

- Uma análise comparativa entre as obras selecionadas só será feita após as etapas acima. Entrevistas com pesquisadores e autores dos textos selecionados estão sendo realizadas e têm revelado aspectos que não apareceriam na análise dos textos, como sua trajetória de formação metodológica;
- A exemplo do projeto anterior, os dados ficarão armazenados no banco de dados do GEPHOM/USP com o objetivo de gerarem publicações semelhantes à que fizemos (MAGALHÃES, SANTHIAGO, 2015). Essas publicações se tornam uma referência para quaisquer pesquisadores que atuem nas duas áreas (estudos migratórios e história oral) e novos artigos sobre o tema que completariam o quadro explicativo.

No que tange ao apoio metodológico para esse trabalho de seleção, baseado nos resumos do levantamento bibliográfico, Ferreira (2002), faz referência aos estudos de “estado da arte” na História da Leitura no Brasil (entre 1980 e 1995) e, a partir da análise dos resumos nas publicações de pesquisa, explica que:

Ao lidarmos com um conjunto de resumos de uma certa área do conhecimento, buscando identificar determinadas marcas de convencionalidade deste gênero discursivo, podemos constatar que eles cumprem a finalidade que lhes está prevista em catálogos produzidos na esfera acadêmica: informam ao leitor, de maneira rápida, sucinta e objetiva sobre o trabalho do qual se originam. (FERREIRA, 2002, p. 268)

Entretanto, para a autora, ainda que os resumos contenham um pouco da história da produção acadêmica de cada trabalho, eles apresentam limitações referentes à realidade vivida por cada pesquisador e por cada processo de pesquisa. É possível, por isso, que os resumos

acabem por conduzir o leitor por caminhos não previstos que fujam dos objetivos do texto como um todo. Tendo isso em vista, este projeto buscará ir além da análise simples dos resumos, os quais constituirão o primeiro passo para termos pistas sobre o uso ou não da história oral em cada pesquisa, mas somente a análise aprofundada dos textos na íntegra (e o seu fichamento sistemático) nos permitirão chegar ao entendimento das condições de uso desse método em cada pesquisa e de suas vinculações teóricas e epistemológicas.

Descrição das atividades de pesquisa realizadas na primeira fase do projeto e estado atual da coleta de dados.

Nesta primeira etapa do projeto, privilegiou-se o levantamento dos dados bibliográficos e a realização das entrevistas. Estão previstas, para a próxima fase, tanto a análise qualitativa de parte dos textos selecionados no levantamento inicial, quanto a transcrição e a finalização da análise das narrativas dos pesquisadores (que estudaram as migrações do Nordeste para o Sudeste utilizando entrevistas).

Boa parte das entrevistas com pesquisadores foi realizada (com pesquisadores das seguintes universidades: UFPE, UFMA, UFCG, UFABC e UFPB) e três outras estão agendadas para maio e junho de 2019 (Unesp, FGV e UFCE). Desse modo, foram duas as frentes de atuação até agora: levantamento dos estudos com o perfil do nosso recorte; e entrevistas com esse perfil.

Levantamento bibliográfico

Para levantamento da produção brasileira sobre migrações do Nordeste para o Sudeste que tenha utilizado entrevistas, alguns

termos-chave foram estabelecidos na busca em periódicos e bibliotecas especializadas. A partir deles, temas semelhantes foram utilizados e incorporados à pesquisa bibliográfica posterior.

- 1) Os termos-chave principais que guiaram a coleta bibliográfica, até esta etapa, foram: Migrações; Migrações internas; Migração rural-urbana; Nordestinos em São Paulo; Nordestinos no Sudeste; Migrações; Nordestinos and migrantes; Migrantes.
- 2) Fontes da busca bibliográfica levantadas até agora: Busca Integrada USP; Cadernos CERU (levantamento não finalizado); Portal Capes; Revista Travessia; Biblioteca de Teses Unicamp, USP e Unesp; Bibliografia citada por outros textos selecionados no projeto; Bibliografia levantada em projetos anteriores da autora, relacionados às migrações do Nordeste para São Paulo; Portal Capes de Teses e Dissertações; Biblioteca de teses e dissertações das seguintes universidades, além da USP, Unesp e Unicamp: UFPE, UPE, UCPE, UFRN, UEBA, UEMA, UFMA e UFC.

Sobre o montante dos itens levantados na busca bibliográfica (ainda sem a análise qualitativa), algumas observações: nos estados do Maranhão, Pernambuco e Bahia, há uma predominância de estudos com o perfil buscado. Em outros, como Ceará e Rio Grande do Norte, há alguns estudos sobre migração de retorno para o Nordeste, mas com ênfase demográfica, não utilizando, portanto, métodos qualitativos.

No caso dos trabalhos encontrados pelo levantamento com os termos-chave, nem todos correspondem necessariamente ao recorte desta pesquisa, de modo que os itens foram avaliados e a sua inclusão no escopo do projeto só foi efetivada quando os resumos correspondiam ao recorte proposto. Alguns dos trabalhos que não utilizaram entrevistas foram selecionados como parte da bibliografia geral, apenas para uso em

pesquisas futuras e como indicação bibliográfica para os pesquisadores do nosso grupo de pesquisa (GEPHOM/USP). Isto porque há um considerável montante de estudos que são de natureza demográfica e que usam métodos quantitativos, mas que podem vir a ser interessantes para outros momentos da pesquisa.

Entrevistas

Conforme foi previsto no projeto inicial, estão sendo realizadas entrevistas com pesquisadores que tenham usado métodos que se enquadrem no nosso recorte. Esses profissionais têm sido contatados a partir de seus trabalhos localizados no levantamento bibliográfico e por indicação de outros acadêmicos.

Inicialmente, imaginava-se que seriam entrevistados um acadêmico por estado, mas na medida em que fui descobrindo como as redes de orientadores e seus grupos de pesquisa formavam novos especialistas com o perfil do projeto, decidi entrevistar todos os pesquisadores que conseguisse, a partir das viagens de pesquisa financiadas pela Fapesp.

Na formação das redes de entrevistados, procurei contatar alguns deles tendo em vista os trabalhos que localizei nos repositórios de teses e dissertações das universidades. Consegui seus contatos das mais diversas formas, inclusive ligando para as suas universidades e pedindo seus endereços de e-mail.

Concomitantemente, fiz contato com colegas das universidades do Nordeste com quem eu tinha alguma proximidade, dos quais resultaram o agendamento de entrevistas importantes para o projeto. Tais pessoas indicaram outras que indicaram outras, formando redes de entrevistados. Agradeço imensamente aos que me ajudaram nesses contatos. A maior parte dos narradores, entretanto, acabou vindo mesmo do levantamento bibliográfico, que conduziu mais especificamente ao recorte do projeto.

As entrevistas estão sendo gravadas em suas universidades de origem, conforme havia sido previsto no projeto original, ou em São Paulo, quando possível. Desse modo, algumas viagens foram realizadas. Em Recife e São Luis, entrevistei oito pesquisadores. Além disso, a convite do Centro de Estudos Latino-Americanos, fiz um estágio de 26 dias na Universidade de Columbia, onde pude entrevistar Ronald Grele, ex-diretor do Center for Oral History, e Julie May, diretora do acervo do Brooklyn Historical Society. Essas entrevistas inquiriram sobre os acervos públicos de história oral de imigrantes onde eles trabalhavam e serão transcritas e comparadas com as brasileiras. O relato de Ronald Grele será enviado para publicação, antes da entrega do relatório final.

Até o segundo semestre de 2019, outras viagens deverão ser realizadas, especialmente à Bahia, onde a professora Ely Estrela lecionava, tendo provavelmente orientados que se encaixem em nosso recorte. Ela, infelizmente, faleceu, de modo que os contatos com seus alunos serão feitos por meio de seu *currículo lattes* ou por outros caminhos.

Os resultados da análise das entrevistas serão apresentados somente no relatório final e em publicações futuras, pois elas ainda estão sendo transcritas e analisadas.

Considerações finais

Este artigo apresentou os caminhos percorridos pelo projeto *Nordestinos em São Paulo e História Oral: abordagem histórico-crítica*, que conduzo com financiamento da Fapesp. Para isso, expus seus objetivos, os conceitos que envolvem a identidade nordestina, o contexto dessa migração, os procedimentos metodológicos usados e o estágio atual da pesquisa.

Neste momento, posso apresentar algumas observações apenas

iniciais que emergiram das narrativas e do quadro analítico bibliográfico apresentado e que serão avaliadas na próxima etapa:

- Tudo indica que sejam oito os principais grupos que trabalham com o método de entrevistas nos estudos das migrações do Nordeste para o Sudeste, sendo que eles têm formado novos pesquisadores com esse perfil: 1) pesquisadores que derivam dos trabalhos de Marilda Menezes (UFCG e UFABC); 2) grupo de Maria Aparecida Silva (na Unesp); 3) grupo de Marcelo Saturnino (Pernambuco e Paraíba); 4) pesquisadores isolados do Sudeste (Paulo Fontes, no Rio, e eventuais orientados do Centro de Estudos Migratórios da Unicamp, como Lidianie Maciel); 5) orientandos de Ely Estrela (Bahia); 6) pesquisadores da UFMA, orientados por Flávia Moura e Marcelo Carneiro; 7) pesquisadores do Ceará, a exemplo de Telma Bessa e 8) pesquisadores do Gephom/USP, orientados por Valéria Barbosa de Magalhães. Esta análise será atualizada na próxima etapa e em publicações futuras.

- Dos grupos acima, há uma divisão quanto às formas de uso das entrevistas abertas, (que refletem na forma que os seus novos pesquisadores aprendem a utilizá-las): 1) pesquisadores claramente vinculados à história oral (Marilda, Paulo Fontes, Valéria); 2) e outros que usam entrevistas sem vinculação com esse método ou sem reflexão de natureza metodológica sobre uso de entrevistas, restringindo-se à discussão de aspectos técnicos.

- As entrevistas abertas são consideravelmente importantes e presentes nos estudos das migrações do Nordeste para o Sudeste, mas ainda perdem espaço para os estudos demográficos, que se mostraram predominantes no que tange a esse tema.

Sobre as hipóteses iniciais que surgiram nessa primeira etapa do

levantamento de dados, destacam-se:

- “Nordeste” é um conceito que não coincide com a separação geopolítica. Essa problemática tem reflexos nos estudos migratórios, de modo que o Norte de Minas Gerais, por exemplo, poderia ser considerado parte de um Nordeste expandido. Neste projeto, porém, tendo em vista a grande quantidade de trabalhos para a análise qualitativa que foi identificada e apesar do dilema que ela levantou, optou-se por manter o recorte que coincide com a divisão oficial geográfica. Entretanto, pretendemos explorar essa ampliação conceitual em projetos futuros e no relatório final.
- Nos estudos das migrações do Nordeste para o Sudeste, predominam os métodos demográficos. Mas, ainda assim, há uma considerável quantidade de trabalhos que se utilizam de entrevistas abertas, sendo que pudemos levantar 170 deles, até agora;
- Supomos serem oito os principais grupos que trabalham com o método de entrevistas nos estudos das migrações do Nordeste para o Sudeste. Eles têm formado novos pesquisadores com esse perfil (estando distribuídos entre universidades do Nordeste e do Sudeste) e têm impulsionado as novas reflexões sobre esse movimento migratório.

A primeira fase da pesquisa mostrou-se rica em quantidade e heterogeneidade de dados. Acredita-se, portanto, que a etapa seguinte será frutífera em termos de publicações e divulgação do projeto, mas que também demandará trabalho intenso. Tendo em vista a opulência e a complexidade que as informações suscitaram neste início, acredito ser necessário investir com mais ênfase na análise qualitativa dos textos já levantados e na interpretação dos dados das entrevistas, que se revelaram

mais preciosas e complexas do que se esperava.

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 4ª ed. Recife: FJN/Massangana; São Paulo: Cortez, 2009. 340 p.

_____. Vede Sertão, Verdes sertões: Cinema, fotografia e literatura na construção de outras paisagens nordestinas. *Fênix: Revista de História e Estudos Culturais*, vol. 13, ano XIII, n. 1, jan/jun 2016.

BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. BH: UFMG, 1998. 241 p.

CARVALHO, João Murilo de. História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura. *Topoi*, Rio de Janeiro, nº 1, 2006, p. 123-152.

CHACON, V. *História das ideias sociológicas no Brasil*. São Paulo: Grijalbo, 1977; *História das ideias filosóficas no Brasil*. São Paulo: Grijalbo, 1967.

DANTAS, Adriana. A Expansão Escolar em Ermelino Matarazzo. *Anais do IX Encontro Regional Sudeste de História Oral Diversidade e Diálogo*. São Paulo: FFLCH-USP, 2011. p. 30-36.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FERREIRA, Norma. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 23, n. 79, p. 257-272, ago/2002.

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302002000300013&lng=en&nrm=iso, acesso em 10/maio/2019.

Disponível em: <http://www.ifcs.ufrj.br/~ppghis/pdf/topoi5a13.pdf>, acessado em 28/05/2007.

FONTES, Paulo. *Um Nordeste em São Paulo: Trabalhadores Migrantes em São Miguel Paulista (1945-66)*. São Paulo: FGV, 2008.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós Modernidade*. 11ª ed. São Paulo: DP&A Editora, 2006. 104 p.

LOPES, Marcos Antônio (org.). *Ideias de História: Tradição e Inovação, de Maquiavel a Herder*. Londrina: Eduel, 2007.

KAWAMURA, Lili. Migrações Brasil Japão: estratégias de sobrevivência cultural. *Travessia* (São Paulo), v. XXXI, p. 77-96, 2016.

MAGALHÃES, Valéria. Nordestinos na Zona Leste de São Paulo: subjetividade e redes de migrantes. *Travessia: Revista do Imigrante*. São Paulo: CMI, v. ano XX, p. 99-112, 2015.

_____. *Educação, Trabalho e Migrações Internacionais: O Caso dos Dekassegui*. (Dissertação) FE/Unicamp, 1996.

_____; SANTHIAGO, Ricardo. Japoneses, brasileiros e judeus: A história oral nos estudos de imigração no Brasil. *Tempos Históricos* (EDUNIOESTE), v. 19, p. 481-510, 2015.

_____; BUTTERMAN, S. Brasileiros no Sul da Flórida: novas questões sobre os imigrantes LGBT. *Revista Bagoas*, Natal, v. 11, n. jan/jun 2017, p. 198-231.

_____; CAMPOS, José Renato. Rostos Femininos nas Migrações Internacionais: mulheres brasileiras no Sul da Flórida. *Travessia* (São Paulo), v. XXIX, p. 27-52, 2016.

MARGOLIS, Maxine. Brasileiros no estrangeiro: a etnicidade, a auto-identidade e o “outro”. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 51, n. 1. p. 283-299. jan. 2008.

Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/27309/29081>, acesso em 09/maio/2019.

Disponível em: < <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/12520/8642> >.

PAIVA, Odair. *Caminhos Cruzados: migração e construção do Brasil moderno (1930 – 1950)*. Bauru: Edusc, 2004.

PULICE, Lucas Rabello Trindade. *Timbres em trânsito: Um estudo sobre identidades, Nordestes e música em São José dos Campos*. 2019. 140 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais) – Escola de Artes, Ciências

e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

SALDANHA, N. *História das ideias políticas no Brasil*. Recife: UFPE, 1963

THOMSON, Alistair. Histórias (co) movedoras: História oral e estudos de migração. *Rev. Bras. Hist.*, São Paulo, v. 22, n. 44, 2002.